

= GRANDE TEATRO FARRÓFILHA =

* * * * *

" E U N Ã O S O U T M C R I M I N O S O "

Péça em tres atos, original de Erico Gruner, para o desempenho
do seguinte

E L E N C O:

ARÃO.....	ROBERTO LIZ.
REPORTER.....	J. PIRES.
BERENICE.....	MARIZA FERNANDA.
DAGOBERTO.....	ROBERTO LIZ.
MARCOLINA.....	LOURDES HELENA.
VOZ MASCULINA.....	MOACYR RIBEIRO.
SONOPLASTIA & SONOTECHNICA DE.....	
EFEITOS DE ESTUDIO POR.....	
APRESENTAÇÃO PELOS LOCUTORES.....	
DIREÇÃO GERAL DE.....	ROBERTO LIZ.

* * * * *
* * * * *
* * * * *
* * * * *
* * * * *
* * * * *
* * * * *

APRESENTAÇÃO:

DOMINGO, DIA 24 DE MAIO DE 1.959.

Ensaios às.....	19.00 horas.
No ár às.....	20.00 horas.
Local.....	Estúdio Radio-Teatro.

* * * * *
* * * * *
* * * * *
* * * * *

Prod. Érico Cramer.

= PRIMEIRO ATO =

TECNICA CARACTERISTICA MUSICAL =
VOZ MASC. (AFASTADO) Arão Malienkowski, visita para você.
O REGRA RUIDO DE ABRIR PORTA FERRO/CORRENTE/CADEADO/PASSOS EM LAGE =
REPORTER Boa tarde.
O REGRA RUIDO FECHAR PORTÃO/IDEM CADEADO ETC =
ARÃO (SOTAQUE JUDEU) Que quer o senhor?
REPORTER Arão Malienkowski, eu sou reporter do semanário "A Verdade" e de-
sejo entrevista-lo. Estará de acordo em responder algumas pergun-
tas que desejo fazer-lhe?
ARÃO Parra que? Já respondi mais de duzentas véiz que non sou crimino-
so e ninguém acredita nos minhas declarrações.
REPORTER É que as provas do crime, infelizmente, foram, todas, contra você,
meu amigo.
ARÃO Gót Nihí!... Quantas veiz precisa jurrei que non matei Berrenice?
REPORTER Mas não basta jurar, é preciso provar. E você, até agora, não con-
segriu provar coisa alguma, Arão.
ARÃO Mas non posso prrovar. Eles non querem prendi a home que foi a
criminoso verdadeiramente.
REPORTER Ouça, Arão. Eles não podem prender um homem que há mais de um ano
está morto e sepultado.
ARÃO "entirra! Ele vive!
REPORTER Não vive, Arão. Procure se lembrar que ele se suicidou, justamen-
te por causa dela.
ARÃO A senhorr vi ele mórtto? Berrenice ví éle mórtto? Algrem ví ele mórt-
to? A caxom chegrei na treem, ninguém abrrí éle, levarron parra
a zinitérrrio, enterrái éle...como podem sabér que ele estive na
caxom?
REPORTER Mas ele foi identificado pelas autoridades do lugar, onde se sui-
cido, pelos documentos que levava e pela carta de despedida que
deixou a Berenice. E ela foi a primeira a reconhecer que a carta
havia sido, realmente, escrita por ele.
ARÃO Tudo simulação que éle fiz parra tócos pensei que estivesse morto.
REPORTER Simulação? Mas como você pôde garantir uma coisa destas?
ARÃO Ele mesmo disse parra Arrom. Ele mesmo falei parra mim uma noite.
Erra muito tarde e Arrom estava escrevendo uma carta parra a imon
de ele, quando bateron na porta.
O REGRA BATIDAS DISCRETAS NA PORTA =
ARÃO (CONTINUANDO) Arrom foi espiei no grrado do porta. Quasi morri de
syto.
DAG. (SI ARÃO FOR UM ARTISTA DE CLASSE PODE FAZER DAGOBERTO TAMBEM) Sou
eu, Arão, pôde abrir!
TECNICA RAJADA MUSICAL ARRABIANTE SEM CORTAR CENA =
ARÃO Da...Dagoberto!...Gót Nihv!... Non pode sér!...
DAG. Sou eu, homem, estar lhe dizendo. Preciso muito falar-lhe.

- ARÃO: Nom! Nom! Você já está morrido! Deixe-me por favor!...
- DAG.: Estou morto coisa nenhuma. Se estivesse morto, como poderia estar aqui? Abra a porta que tenho um negocio esplendido para nós dois.
- C. REGRA: (RUÍDO CHAVES E ABRIR PORTA PARA FECHAR EM SEGUIDA)
- ARÃO: (NARRANDO) Arram sempre foi um homem de negocios. Abri a porte e ele entrou. Eu não queria acreditar nas minhas olhos, mas era Dagoberto mesmo que estava ali, na sua loja, na carne e no osso. Como eu ficasse parado na frente do ele, ele falei comigo.
- DAG.: Por que está me olhando assim apalermado? Ainda não acredita que seja eu?
- ARÃO: Arram foi na sua enterro, comprende? Não é facil acreditar.
- DAG.: Foi ao enterro de qualquer outro, não ao meu que estou vivo e bem vivo. Toque-me, para que se convença melhor. (PAUSA) E então? Res-ta-lhe ainda alguma divida?
- ARÃO: Não, não...mas...senhor falei um negocio esplendido...
- DAG.: Falei sim, e posso lhe afiançar que é um negocio como você nunca fez, em toda a sua vida. Um negocio que você ficará surpreendido, quando estiver realizado. Mas há uma condição que lhe imponho e é qual você não poderá faltar sob pretexto algum.
- ARÃO: Pode dizer condições.
- DAG.: Você não poderá dizer a ninguém que me viu, nem que falou comigo. É absolutamente necessário que todos, aqui, continuem a pensar que eu estou morto.
- ARÃO: Comprreendido!
- DAG.: Todos, compreender? Todos. E especialmente Barenice.
- ARÃO: Comprreendido.
- DAG.: É necessário que, principalmente ela, continue a acreditar nas mentiras que lhe escrevi.
- ARÃO: Comprreendido. Mas a negocio, prropriamente...
- DAG.: (CORTA) Espere. O negocio você ficará sabendo qual é, quando chegar a ocasião. Por ora, será suficiente que você o aceite e siga todas as minhas instruções. (PAUSA E TOM) Está disposto a aceita-lo?
- ARÃO: Desde que seja um negocio rendoso...
- DAG.: Já lhe disse e repito: você, em toda a sua vida, nunca fez um negocio igual a este.
- ARÃO: Arram não gosta de fazer negocio na escurro, mas ele vai pensar durante o noites e amanhã...
- DAG.: (CORTA) Amanhã já taremos que estar agindo. É necessário que você se resolva hoje. Agora. Já! Ao sair daqui, quero levar comigo a certeza de que você vai me auxiliar. Não sendo assim, não me serve. Não quer? (APASTA=SE) Eu irai procurar outro, imediatamente.
- ARÃO: (RAPIDO) Esparre um momento. Não é prrecido ficar tom nervoso. As coisas não podem ser resolvidas assim prrecipitadamente. Vamos que seja um negocio que pode trazer incomodaçom?
- DAG.: Você está com medo, Arão e para afastar as suas dividas eu vou lhe

dizer do que se trata.

ARÃO

Otimo! Agora sei que vamos nos entender melhor.

DAG.

Você sabe, perfeitamente, o quanto amei Berenice, não é assim?

ARÃO

Verdade.

DAG.

Aliás, todos sabiam disso, porque eu nunca escondi de ninguém.

ARÃO

Verdade também.

DAG.

Só ela não acreditava ou fingia não acreditar no meu amor. No entanto, mesmo assim, continuava a aceitar a minha corte e a receber os modestos presentes que, de vez em quando, eu conseguia adquirir para oferecer-lhe.

ARÃO

Interessíssima como com todas as mulheres.

DAG.

Cale-se Arão, e ouça, apenas. (T) Certo dia apareceu aqui um sócio de uma grande empresa de construções, portador de várias propostas para a Prefeitura.

ARÃO

Senhor Frédérique. Eu conheço ela.

DAG.

Já lhe disse que se cale, Arão. Não me interrompa.

ARÃO

Desculpa.

DAG.

Frederico conheceu Berenice e logo se encantou por ela. Começou a procurá-la com vivo empenho. Era rico e ela não se achou com coragem de desprezá-lo, e foi então que se valer daquela velha dívida que até aí, em verdade, ela apenas simulara sentir, para afastar-me definitivamente do seu caminho.

BERENICE

Você não gosta de mim, Dagoberto, e aliás você sabe disso perfeitamente. Nem sequer você está iludido. O que acontece é que você se sente lisonjeado em ter uma namorada bastante mais moça que você e, além de tudo, bonita e disputada pela maioria dos rapazes. Eu sei que você se casaria comigo, se eu quizesse, mas se casaria, apenas, pela vaidade de derrotar os demais pretendentes e pelo prazer que lhe causaria a inveja dos outros quando você passasse comigo pelo seu braço, olhando todos com simulada indiferença, mas dizendo, no íntimo, como regosijo: "eu venci a todos vocês. Eu fui preferido por ela, mesmo sendo mais velho e sendo pobre" Isso é o que você em realidade deseja. Não é o seu coração que me ambiciona, Dagoberto. É a sua vaidade. Eu serei apenas o terrível que incensará essa vaidade e como eu não me sinto com disposição para alimentar as fraquezas de ninguém, peço-lhe, de uma vez por todas, que se afaste definitivamente do meu caminho para que o meu coração possa ter a liberdade de escolher o seu eleito.

DAG.

(NARRANDO) Não houve argumento que servisse para convencê-la e eu decidi, então, deixar-lhe o campo livre. Abandonei imediatamente esta cidade e fui viver longe daqui, na companhia de um tio rico e solteirão, que, por coincidência, tinha o mesmo nome que eu. Poucos meses depois da minha partida, soube que Berenice tratara casamento com o tal Frederico, com quem pretende casar-se em breve.

ARÃO

Casamento marcado para fim do mês, parece.

- DAG. Meu tio já estava com a saúde seriamente abalada, quando o proce-
rei. Consegui convence-lo de embarcarmos para a capital da Repu-
ca, onde ele se suicidou antes dos trinta dias, ao saber que o seu
mal não tinha cura. Trocar os meus papéis pelos dele, escrever uma
carta de despedida, despachar para cá o atende e pedir, na carta,
que ele não fosse aberto, foi tudo fácil e rápido. Se me matei, mas
não morri, entender?
- ARÃO Compreendido!
- DAG. Fiquei vivo, na Capital e dono de uma fortuna imensa que me legou
meu tio.
- ARÃO Compreendido. Mas parra que fingir de morto se podia cheguei com
a fortuna que era muito mais interessante parra convencer Berre-
nice?
- DAG. Porque as mulheres, geralmente, ficam adorando os homens que jul-
gam ter morrido por sua causa.
- ARÃO Mas parra falar francamente... parece que ela no der muita impor-
tancia no facto.
- DAG. Eu sei. E foi por isso que me resolvi a vir e lançar mão do último
argumento que é a fortuna que possuo agora.
- ARÃO Este deveria ser o primeiro argumen- o e não o último.
- DAG. Mas eu não queria apenas que ela se vendesse á minha fortuna, que-
ria também o seu amor e por isso sim- lei aquela morte, na esperan-
ça de acordar ou enternecer o seu coração. Como nada consegui, re-
signei-me, então, a te-la para mim, mesmo que seja apenas pelo in-
teresse.
- ARÃO Compreendido.
- DAG. E é isso que eu desejo de você, Arão. que você encontre um jeito
de atrair Berenice para a sua loja, de preferência á noite, para
que eu possa ter um entendimento com ela sem que sejamos vistos
por mais ninguém..
- ARÃO Ela vai levar uma susto terrível!
- DAG. Você terá que prepara-la, Arão. Você terá que falar com ela, antes,
e dizer-lhe que desconfia que aquela morte foi simulada, que já
lhe disseram que eu fui visto em tal ou tal parte... que ninguém
abriu o caixão aquele onde diziam serem os meus restos... que ela
não se admire nada se de um momento para outro eu aparecer vivo e
são... Compreende como é que você tem que fazer?
- ARÃO Compreendido, compreendido...
- DAG. No fim, quando ela já estiver meio suggestionada pelas suas afirma-
ções, eu me apresento como quem não quer nada e, passados os pri-
meiros momentos de assombro, entrarei directamente na conversa.
- ARÃO Compreendido. O mais difícil está na pretexto parra chamel ela de
noite no meu loja.
- DAG. Ela não gosta das suas antiguidades? Diga que recebe um objeto ma-
ravilhoso...este punhal, por exemplo. Invente que ele pertence á
Lucrecia Borgia.

ARÃO Si Arrom diz este...ela qué levei a pinhal e Arrom nom está papai dela. Pinhal carro é.

DAG. Éu pago o pinhal. Compro os, objetos todos da sua loja, se você quizer, o essencial é que Berenice venha aqui amanhã ou depois é noite, para encontrar-se comigo. É é isso que você tem que arranjar, Arão...

ARÃO Muito bem, mas...(MACIO E INGINTANTE) quanto é vai leva notrranção senhor. Falei negocio muito bom...querro sabér.

DAG. Estará satisfeito com um cheque de cem mil cruzeiros?

ARÃO Gót Nhíé!...

DAG. Não acha bom?

ARÃO Muita bom, muita bom! (CAIDO EM SI) Bem, mas...si o senhor depois tudo corre bem...pode dei mais uma pogrinho...

DAG. Está bem, Arão, está bem! Mas então já sabe o que tem a fazer, não sabe? Compreende t:do, direitinho?

ARÃO Si, si...compreendido. Todo compreendido. Berenice visinha muito camarrada, amanhã é manda chamaí ela vir aqui, de noite, depois da noivo foi embora.

DAG. Éu virei mais cedo e ficarei lá dentro escondido. Quando ela chegar...

E REGRA CAMPAINHA OU CIGARRA CORTANDO A FRASE =

ARÃO (PATSA=MEIO TOM) Quem serrá que bati neste horra de noite?

DAG (MEIO TOM) O guarda noturno, talvez. Espie primeiro, antes de abrir.

ARÃO Arrom vai ispiei no grade de portinhola pequenino.

C REGRA PASSOS INDO/RUIDO ABRIR PORTINHOLA AFASTADA =

ARÃO (AFASTADO) Nom pode ser!...Uma momento, menina. Uma momento!

C REGRA RUIDO FECHAR PORTINHOLA =PASSOS =

ARÃO (VINDO) Gót Nhíé, Dagoberto! Gót Nhíé!...(MEIO TOM ALARMADO) É Berenice que está batente no porta. É Berenice, Dagoberrto!

DAG. (IMPERATIVO MEIO TOM) É você-que faz que não abre logo a porta? Abra depressa, vamos. Faça-a entrar imediatamente, enquanto vou me esconder...

C REGRA PASSOS INDO/ABRIR PORTA A CHAVE =

ARÃO (AFASTADO) Que surpresa tom grande neste horra. Entre, menina, entre.

TECNICA SOBE TEMA GRANDIOSO =
PUBLICIDADE.

= SEGUNDO ATO =

TECNICA TEMA DO CONTO =

ARÃO (PARTO) que surpresa tom grande nesta horra! Entre, menina, entre!

C REGRA RUIDO DE FECHAR PORTA/PASSOS =

BERENICE A demora é quasi nenhuma, Arão. Chegoude uma festa há questão de

dez minutos e, quando fui fechar a janela do quarto, notei que havia luz aqui na loja. Como sei perfeitamente que não é ser habito ficar de luz acesa até tão tarde, fiquei preocupada, imaginando que você pudesse estar doente e necessitando de alguma coisa. Antes de me deitar, quis tirar a minha dúvida porque sabia que, do contrário, não poderia dormir descansada. Resolvi, então, atravessar rapidamente mas, se você está bem eu já vou embora.

ARÃO Um momento, Berenice. Deixe-me, por menos, agradecer o bom inten-
ção.

BERENICE Ora, Arão, nem diga isso. Afinal, somos vizinhos há tantos anos... Você quasi que me viu nascer... Sei que você é sosinho e se tivesse qualquer necessidade não teria quem o atendesse. Não tem nada que agradecer, portanto.

ARÃO Realmente se passou comigo esta noite, um facto muito extranho, e fui bom que menina cheguei aqui porque Arrom no, está se sentindo muito bem.

BERENICE Logo vi. Você não costuma ficar acordado até tão tarde. E agora é que estou reparando: você está realmente muito pálido.

ARÃO Tive um sonho terrível. Destes sonhos que o gente tem e que sabe que não foi sonho.

BERENICE Isso é muito comum quando a gente janta demais e a digestão não se processa como de costume. Você tem algum digestivo aí, eu lhe preparo num momento.

ARÃO Não é preciso. Eu só queria contar pra menina o sonho que eu tive.

BERENICE Agora é muito tarde, Arão. Eu volto aqui amanhã e assim já aproveito para ver se as novidades que você receber da Italia e da França.

ARÃO Si, si, Arrom recebi muita coisa bonita e ele já me separou um presente formidável para você.

BERENICE Para mim? O que é, Arão? Diga? Você me fez ficar curiosa.

ARÃO Este punhal veneziano que pertencer á colobra Inerrecia Borgia. Uma punhal historrique.

BERENICE Que coisa bonita, Arão!... É verdade mesmo que você vai me dar isso de presente?

ARÃO Verdade, si.

BERENICE Uma verdadeira joia. Este trabalho de esmalte, no cabo, é um asombro! Nem sei como lhe agradecer um presente de tanto valor.

ARÃO A menina merrece. Mas sente-se um poquinho para ouvir o sonho que Arrom falei.

BERENICE É tarde, Arão e eu já fui imprudente atravessando, sosinha, essa rua deserta.

ARÃO Arrom acompanha menina até a portom depois que contei o sonho.

BERENICE Está bem. Você parece tão impressionado com esse sonho que é possível que um desabafo lhe faça bem.

ARÃO O menina se lembra do ser Dagoberto, que fui grasei noivo sei, an-

tes da seu Frederrique?

BERENICE

Coitado de Dagoberto. Lembro-me sim, Arão. Foi com ele que você sonhou?

ARÃO

Fui com ele mesmo. Uma sonho estranho, porque eu parecia que estive acordado.

BERENICE

Os pesadelos são assim, Arão. A gente tem a impressão de que não está dormindo e é por isso que eles afligem tanto a gente.

ARÃO

Dagoberto me aparredei, dizendo que não estava morrido. Que a enterro estivo falso e que ele não estive dentro do caixão.

BERENICE

Que coisa, Arão. Eu chego a ficar toda arrepiada. Veja.

ARÃO

Ele queria falei com o menino para o menino não casei com Frederrique. Redia muito para Arão trazer o menino aqui para falei com ele. Arão prometi para ele que ia fazer o vontade do ele.

BERENICE

Crede, Arão. Deus me livre! Eu não quero saber de conversa com os mortos.

ARÃO

E se, ele aparrcesse no seu frente, para falei?

BERENICE

Crezes! Nem fale uma coisa dessas!... Eu tenho a impressão de que se me acontecesse uma coisa assim que eu ficaria louca você sabe?

ARÃO

Fois então precisa tomei cuidado porque esse pode acontecer e a menina ficar louca mesmo.

BERENICE

Tomar cuidado por que? Como pode acontecer? Você acha que seus sonhos são prognósticos infalíveis?

ARÃO

Arão desde pequenino, tive sempre uma senhora que parecia avisos. Quando aconteci da sonho impracionei ele...

O REGISTRO

CAÍDO DE CIMA UM FUNHAL DA IDADE MÉDIA =

BERENICE

(DÁ UM GRITINHO DE SUSSO) Arão!... Você viu que coisa estranha?

ARÃO

Foi a punhal que caiu de cima do balcão.

BERENICE

Sim, eu sei que foi o punhal. Eu vi perfeitamente quando ele caiu. E exatamente por ter visto é que me assustei. Ele estava aqui, bem no centro do balcão, eu não toquei nele nem você... Parecia assim que uma mão invisível o tivesse pegado e jogado ao chão. Ele caiu aí do seu lado. Veja se não estragou o trabalho tão lindo do cabo! Ele caiu da minha lado, você diz? Engraçado que eu era vejo adonde que ele está. (F) Ah, espere que está aqui. Ele caiu uma pouco para baixo do balcão. (PAUSA) Está aqui ele. Creio que não aconteceu nada na...

BERENICE

(ATERRADA SEM GRITAR) Arão!... que é que você tem, Arão?... A sua fisionomia está completamente alterada. É como se uma outra pessoa tivesse se levantado no seu lugar... Seus olhos tem um brilho estranho... sua boca está diferente... seu nariz... seus cabelos... até o seu porte já não é mais o mesmo de há poucos momentos. É como se você estivesse crescendo repentinamente... E eu conheço essa fisionomia... já não é mais a sua... (CRESCENDO O TERROR) Esses olhos... essa boca... esse porte... (UM GRITO AGUDO DE TERROR) Arão!...

DAG.

(AFORITÁRIO) Não grite. se gritar... será muito pior para você!

BERENICE

(AUGE DO TERROR QUASI SEM VOZ) Dagoberto!...

DAG.

Er, sim. Dagoberto. Você também acreditou na mentira da minha morte, não foi? Pois saiba que eu não morri. Simulei aquela morte para atender ao seu pedido de deixar livre o seu coração para que ele pudesse escolher, sem qualquer constrangimento, o seu eleito. Eu era pobre, não tinha meios para satisfazer os seus caprichos e as suas vaidades e considerando assim não me achei com o direito de insistir. Mas a fortuna veio ao meu encontro, antes que você tivesse se ligado definitivamente a esse rival odioso e eu aqui estou para impedir que se consuma essa atrocidade. (T) Não é verdade que você não o ama e que você vai se casar com ele pela sua posição e pelo seu dinheiro? (PAUSA) Responda, Berenice, eu estou falando com você.

BERENICE

(TREMULA COM ESFORÇO ENORME) Eu...eu não...não posso falar...a... voz...está presa na garganta...

DAG.

Não há razão para isso. Procure acalmar-se e fale.

BERENICE

(REFLECTANDO CONTRA-SE MAS SEMPRE FAZENDO ESFORÇO PARA FALAR) O... o srto...foi grande...

DAG.

Isto por que?

BERENICE

Você...você deve compreender...eu...eu não o esperava e depois... a maneira estranha como você me aparecer...

DAG.

Eu estava escondido aqui em baixo do balcão. Quando Arão se agachou para apanhar o pinhal que eu, propositadamente atirei ao chão, quem se levantou no lugar dele foi eu.

BERENICE

Mas...e Arão? Onde...onde está ele agora?

DAG.

Não importa. Estou eu aqui para falar com você e é absolutamente necessário que nos entendamos. Você ia casar no fim deste mês, não é verdade?

BERENICE

Vou...vou casar sim, Dagoberto.

DAG.

Ia casar...agora não vai mais...

BERENICE

Mas...por que?

DAG.

Porque eu não quero que você se case, Berenice. Sempre a amei muito e continuo a ama-la muitíssimo e por nada deste mundo permitirei que você se entregue a outro homem que não poderá quere-la a metade do que eu a quero. Eu agora estou rico, Berenice, riquíssimo e poderei dar-lhe tudo que a sua maravilhosa beleza exige. Você sabe quem era aquele homem que enterraram como sendo eu?

BERENICE

Não...

DAG.

Um tio que tinha o mesmo nome que eu e que me deixou a fortuna imensa que possui agora. Você terá jóias...vestidos...todo o conforto que quiser...tudo o luxo que exigir...

BERENICE

Eu...eu não exijo mais nada do que amor, Dagoberto.

DAG.

Isso ninguém poderá lhe dar mais do que eu.

BERENICE

Mas a felicidade não está apenas em recebermos o amor de um homem. Está em darmos também a ele o nosso amor.

DAG.

É quem a impede de retribuir o amor imenso que lhe dedico?

BERENICE

O meu noivo. O homem a quem dei a minha palavra e o meu coração.

DAG.

(COM RAIVA) É mentira! Você não o ama. Dev a ele a palavra, p^{er}verdade, mas o coração nunca!...

BERENICE

(MEDO) Como... como pôde ter tanta certeza?

DAG.

Foi a mim que você deu seu coração, desde aqueles tempos em que você era pouco mais que uma menina. Recorda-se quando eu ia esperá-la á saída da missa, aos domingos, para receber apenas um olhar medroso e furtivo e mais tarde o esboço de um sorriso que mal deixava entrever as pontas dos seus dentes lindos? Lembro-me perfeitamente de uma vez que você passou por mim mordendo os lábios vermelhos e eu tive a nitida sensação de ver pedacinhos de nácar, mastigando pitangas maduras. Eu buscava falar-lhe e você me fugia. Havia sempre no seu coração, o receio enorme de ser surpreendida por seu pai que já naquele tempo eu odiava acerbamente por ser o maior impedimento a que eu usufruisse a sua agradável e tão desejada companhia. Uma noite... havia luar... você estava sosinha á janela e, muito a medo, trocamos ligeiras palavras sobre a beleza da lua e das estrelas que cintilavam no céu, invejosas do seu brilho. Você disse que os meus olhos eram mais lindos do que elas e, com toda a certeza elas ouviram o galanteio.

BERENICE

Você não esqueceu!... Você ainda se recorda das palavras que pronunciei naquela noite de magia e encantamento! E por que ainda as gramda tão vivas como no momento em que foram pronunciadas? Porque você me tinha amor, e com a força desse sentimento, elas se impregnaram no seu coração, Berenice... eu sei que você ainda me ama e quero que seja minha!...

DAG.

BERENICE

Não, Dagoberto!... Deixe-se por favor... você não compreende que eu não posso? Não vê que a esponja do tempo apágor, no meu coração, todas as impressões que o passado, porventura, pudesse ter deixado nele? É agora, que me tem em seus braços, não consegue confrontar o ardor das pulsações de outrora com a frieza e a indiferença desse instante? Você foi, na verdade, em tempos idos, um ideal de amor ambicionado, mas o tempo passou e você foi embora, deixando em seu lugar tristeza e abandono. Você fugiu da luta, deixando-me sosinha. Eu me senti ferida, humilhada, espezinhada, e busquei noutro amor o esquecimento. Consegui amar Frederico. Consegui querê-lo com o mesmo impetuoso sentimento que antes lhe dedicara. É agora que estou em vespuras de realizar este anseio tão grande de felicidade, você aparece e quer, ainda uma vez, destruir o meu sonho? Não, Dagoberto, você não pode fazer isto. Você não tem o direito de se interpor em nosso caminho e menos, ainda, de procurar revolver as cinzas do passado, buscando reacender um fogo já extinto.

DAG.

(DEPOIS DE PAUSA GRAVE E PENSATIVO/PERIGOSO) Quer dizer, então... que você... ama o seu noivo?

BERENICE

Sim, Dagoberto. Para que ocultar a verdade? Si o amo, sim, e desejo casar-me com ele.

DAG. Mas ei lhe juro que não se casará!

BERENICE (TENTANDO REAGIR) Quem irá impedir-me? Você?

DAG. É, sim. Já lhe disse que a amo e que não me resigno em perde-la.

BERENICE Há tantas moças boas por aí, Dagoberto...moças que o fariam muito mais feliz do que eu que nunca mais poderei ama-lo...

DAG. (SOLTURO DELEGANTE) Como foi que você disse?

BERENICE (MEDROSA A PRINCIPIO) Que...que nunca mais...(REAGINDO) que nunca mais poderei ama-lo.

DAG. (TRAIGOO) Nega-se então a ser minha?

BERENICE (SUSSO VOZ PRESA) Dagoberto!

DAG. Pois então...não será dele também.

BERENICE (PAVOR SEM GRITAR) Dagoberto! (CRESCENDO) Dagoberto! (GRITA E É SUFOCADO POR UM GEMIDO DE DOR) Não!...(GEMIDOS E ESTERTORES)

C REGRA QUEDA DE CORPO =

BERENICE (ENFRAQUECE OS GEMIDOS E OS ESTERTORES E MORRE)

DAG. (DEPOIS DE PAUSA) Está morta. Morta também! Agora sim!... Agora tu poderá ser verdadeira minha! Eu te levarei aos meus braços e te mostrarei um mundo diferente. Um mundo que tu desconheces. E ele que venha roubar-te de mim. Com este mesmo punhal eu o matarei. Ele que venha! Eu quero ver! Eu quero ver!... (GARGALHADAS DE LOUCO ALGUM TEMPO/DEPOIS SUBSTITUÍ POR UMA RESPIRAÇÃO PROFUNDA DE ALGUÉM QUE ESTÁ DORMINDO A SONO SOLTO/

ARÃO (ACORDANDO/SOTAQUE) Que coisa estranha! Como pôde dormir neste posição incomoda? Que pesadelo terrível! Eu nem erra Arrom, erra Dagoberto e Berrenice estava aqui no outro lado da balcon e eu queria que ela...(ESTACA AFAVORADO/TRANSIÇÃO) Como?...Por que tenho os meus assim tintos de sangue morno...(PAVOR) Nom! Nom!... É mentira! Nom pôde ser! Berrenice com uma punhalada na corraçom! Berrenice está morta!...Socorro!...(GRITANDO) Socorro!...(INDO GRITA MAIS ALTO) Socorro!...Socorro!...

TECNICA CARACTERISTICA FORTE ABAFA ULTIMOS GRITOS =
PUBLICIDADE =

= TERCEIRO ATO =

TECNICA CARACTERISTICA = SOBE E CAI =

ARÃO A senhor acredita que si erra eu que matei que ia sair gritando e provocando alarme? Ia tratar de fugir, nom lhe parece? Por que Dagoberto fugi? Por que desapareci? Por que foi ele que matei. E por que em vez de prendi Dagoberto, estou eu aqui no lugar dele?

REPORTER Porque Dagoberto não existe, seu Arão e a verdade é que todas as provas estão contra o senhor.

ARÃO Mentirra! Como nom existe? Si ele bati no meu porta, si entrei no meu loja, si falei comigo? Si Berrenice nom estava morrida, ela podia dizer si falei com ele ou nom falei. que provas que a senhor achei que estou contra mim?

- REPORTER Ela estava morta dentro da sua loja e o senhor tinha as mãos tintas de sangue.
- ARÃO Foi ele que matei e botei o sangue nos meus meus parra atirrei os culpas no eu.
- REPORTER Por que não diz onde esconder o punhal que até hoje não foi encontrado em parte alguma? Se não foi realmente o senhor que a matou, no cabo do punhal devem estar as impressões digitais do criminoso.
- ARÃO Arram non escondi punhal nenhum, senhorr! Arram já repeti esse mais de trinta vezes parra senhorr juiz, parra senhorr delegado, parra senhorr promotor, parra senhor devogado... parra todo mundo ele já repeti.
- REPORTER Pois isso é que é realmente uma pena, porque se o punhal fosse encontrado, estaria definitivamente comprovada sua inocência ou a sua culpabilidade.
- ARÃO Eu non sei adonde ele botei. Jrrro que non sei.
- REPORTER O que lhe prejudicou muito foram as declarações da sua vizinha do trinta e dois. Uma velhota do primeiro andar.
- ARÃO Eu conheço ela. Dona Marcolina.
- REPORTER O senhor não se lembra do que ela declarou no júri?
- ARÃO Arram estive tão tonto que nem ovi direito nada do que eles falei. Só sei que quando terminei aquela reunião, disseram que eu era culpado e me mandaram prenderr...
- REPORTER Pois ela disse o seguinte...
- MARCOLINA Eu estava na janela, esperando o desavergonhado do meu marido, que eram quasi duas horas da madrugada e ele ainda não havia chegado. De repente, vejo chegar um automovel que parou mesmo defronte da minha casa. Berenice desceu com a tia e entraram em casa. Como eu estava com a luz apagada, não me viram na janela. Eu percebi que a luz da loja do ser Arão estava acesa pela claridade que se derramava na calçada. Estranhei bastante aquele fato, porque ele sempre se recolhia muito cedo. Fiquei quieta, ali, esperando o Bernardino, ansiosa para desancar-lhe uma boa descompostura. Como não tinha nada que fazer e as horas costassem muito a passar, observava os movimentos para me distrair um pouco e afastar a minha raiva. De repente iluminar-se a janela do quarto de Berenice e eu vi, perfeitamente quando ela se aproximou para fechar os postigos. Naturalmente ela também viu a luz na loja e também, como eu, estranhou aquele fato. Abriu a vidraça e ficou um momento observando. Não demorou muito, ela fechou a janela e momentos depois estava atravessando a rua em direção a loja. Ai ela meteu a mão na... (CORTE SUBITAMENTE A LÍDA TOR) Não, espere... não foi assim. Deixe eu me lembrar bem como foi para não dizer as coisas diferentes... (PÁUSA) É, não foi assim. Ela não meteu a mão na porta, ela bateu na campainha. O ser Arão veio e eu vi direitinho, pela sombra na calçada, que ele primeiro abriu a janelinha de segurança. Ai, eu vi até o que ele disse. (ARRUMADA ARÃO) "Quê surpresa tem grande nesta horra! Entree, meni-

na, entre!" Ai ele / abriu a porta grande...(TRANSIÇÃO) Não, espere. Primeiro fechei a janelinha de segurança e depois foi que abri a porta e Berenice entrou na loja. Ele fechou a porta em seguida e eu fiquei pensando comigo: como essas moças de hoje são imprudentes! Uma moça entrar a estas horas da noite, na loja de um velho, solteirão. Se amanhã alguém estiver falando dela, ela vai achar ruim. Mas a verdade é que quem vê isso fica desconfiada, não é mesmo? Sim, porque eu confesso que fiquei. E depois ela não entrou para sair logo, porque é...(ESTALA OS DEDOS) estive muito tempo lá dentro. Et vou lhe dizer que até me esqueci do Bernardino e fiquei só cuidando a parte da loja. De repente ouvi um grito abafado. Parecia que ela tinha gritado assim (IMITA BERENICE) Arão!... ..E eu fiquei pensando comigo: vai ver que ele se avançou nela. Fiquei firme na escuta, imaginando milhões de coisas que nem posso repetir. De repente, ouvi aqueles gritos desvairados de Arão: (IMITA) Socorro!...socorro!...socorro!... E já foi aquela balbúrdia, os vizinhos todos acorreram e a resto o senhor já sabe.

ARÃO "ela nem vi que Dagoberto chegou antes de Berenice, que bati no meu portão, também e que entrei no meu loja?"

REPORTER Ela afirmou que esteve na janela desde as dez e meia da noite e que ninguém mais, a partir dessa hora, entrou na sua loja a não ser Berenice.

ARÃO Mentiroso! Entrez sim. Dagoberto entrou antes de Berenice.

REPORTER Mas a policia investigou, com o maior empenho, a morte de Dagoberto e ela foi bem esclarecida. Não resta nenhuma duvida de que ele morreu realmente. O tal tio que você diz que ele falou a você, nem nunca existiu.

ARÃO E por que eles não abriram a caixa para ver si está ele?

REPORTER Justamente porque não restou nenhuma duvida, sei Arão.

ARÃO Mas eu não matei Berenice. Et não sou uma criminoso. Sempre fui um home dirreito. Querria ganhar a minha dinheiro no loja trabalhando e nada mais.

REPORTER Disso sabemos todos. A propria vizinha que o acusou, referindo-se á sua vida progressa, só teve para o senhor palavras de elogio. Lembra-me perfeitamente de que ela disse:

MARCOLINA Seu Arão sempre foi um homem pacato. Vivia lá na sua loja, trabalhando e nunca foi dado a aventuras amorosas nem a arruaças com vizinhos. Mas o senhor sabe como são essas coisas: homem é sempre homem. Berenice era uma moça - bonita e muito bem apanhada. Embora ele a tivesse visto crescer, não era de espantar que o demônio do desejo tivesse despertado dentro dele naquela hora. Era tarde da noite...os dois estavam sosinhos na loja...O velho podia ter tido uma aragemzinha - o senhor me compreende, não é? - Na minha fraca opinião foi isso o que aconteceu: deu a louca no homem, ela quis reagir...ele se enfureceu e adere minhas encomendas. O meu velho diz que a razão pode ter sido o tra, mas de qualquer maneira ele

também está convencido de que foi ser Arão quem a matou. E não é só o meu velho que pensa assim, não. Todos os vizinhos pensam a mesma coisa. E foi ele, sim, não tenha dúvida.

ARÃO

Dona Marcelina vai pagar muito caro esta injustiça. Ela, a papai do ela, a mãe do ela, toda a família do ela. Vai ser um gente bem desgraçado, porra não te vou dar de descanso.

REPORTER

O depoimento dela, foi, naturalmente o mais importante e o que mais fortemente influuiu o espirito dos jurados, mas todos os seus vizinhos, nas diversas entrevistas que realizamos sobre o crime, foram unâimes em acusa-lo, ser Arão.

ARÃO

Som todos umas desgraçadas. Arrom nunca fiz mal para nenhuma delas.

REPORTER

E eles dizem isto, mas estão todos convencidos de que foi o senhor quem praticou o crime.

ARÃO

Nom foi Arrom...nom foi...

REPORTER

Por isso é que eu lastimo que não tenha sido até hoje, encontrado o punhal assassino. As impressões digitais, como já disse, esclareceriam muito mais a verdade.

VOZ MASC.

(AFASTADA) Está exgotado o tempo da visita, moço.

REPORTER

Pois não, eu vou em seguida. Bem, ser Arão, eu queria ouvir dos seus lábios a historia que o senhor me contou. Agora vou andando. Peço que me desculpe se lhe fiz reviver momentos tão dolorosos, mas o senhor compreende...a nossa profissão, muitas vezes, nos obriga a sermos teimosos e indiscretos. Penso que voltarei aqui mais vezes si o senhor estiver de acordo em receber-me.

ARÃO

Si, sim, como nom? Mas que quero que a senhora me dige uma coisa: que senhor acredita que eu nom matei Berrenice?

REPORTER

Acredito, sim.

ARÃO

Obrigado, senhora, muito obrigada!...

REPORTER

E tanto acredito que vou fazer uma campanha pelo meu jornal para que seja aberto o túmulo de Dagoberto e feita uma cuidadosa investigação no cadaver que lá está, afim de que fique bem esclarecido si ele morreu ou não. Pode ser que essa campanha traga algum resultado que lhe seja benéfico.

ARÃO

Ah, senhor, meu! Arrom beijaria suas pez da joelhos no chom. Jorra

REPORTER

Bem, ser Arão, então até qualquer dia.

ARÃO

Até qualquer dia, moço. Que a luz do céu penetre na mistério dessa crime pelas e nas mãos benditas...!

TCHICA

PASSAGEM MUSICAL =

REPORTER

Eu cumpri a promessa que fiz ao pobre Arão e iniciei uma campanha para que o túmulo de Dagoberto fosse devassado. A principio não me deram ouvidos, mas tanto escrevi sobre o assunto, tantas vezes firmei a minha fé sobre a inocencia daquele pobre coitado, que afinal as autoridades resolveram atender-me. Foi marcado o dia da abertura. Havia na expressão de todos os presentes uma grande e nervosa

expectativa. Dois pedreiros iniciaram o trabalho da remoção da lápide. O caixão foi retirado e momento depois aberto. E... pasmem todos! Era Dagoberto quem lá estava, realmente, mas nas suas mãos, coberto de bolor e ferrugem, estava também o tão procurado pinhal com que havia sido morta Berenice. Os crentes e estudiosos dos mistérios de outros mundos, encontraram logo a explicação para o mistério daquela morte, passando então a apregoar a inocência de Arão. Mas os descrentes, aqueles que muitas vezes chegam até mesmo o que vsem, estes viram numa mancha circular de humidade, existente numa das paredes laterais da sepultura, o braco que o assassino fizera no muro, para poder abrir o caixão e nele esconder a arma assassina. E, infelizmente, graças ao segundo grupo de homens que citei, a minha campanha em favor do corsado resultou inutil e infrutifera.

TECNICA

CORTINA GRANDIOSA DE ENCERRAMENTO = TEMA CONDO =

MB/aah.

13 cópias.